

# **MINERAÇÃO DE DIAMANTES EM TELÊMACO BORBA/PR: UMA ATIVIDADE COM MAIS DE DOIS SÉCULOS DE EXISTÊNCIA**

Hallison Fernando Rosa (PROVIC/UEPG), Antonio Liccardo (Orientador), e-mail: aliccardo@uepg.br.

Universidade Estadual de Ponta Grossa/Departamento de Geociências

## **Geociências;**

**Palavras-chave:** patrimônio mineiro, história da mineração, diamante.

## **Resumo:**

A história da mineração de diamantes em Telêmaco Borba/PR é pouco conhecida, frente ao destaque dado à região de Tibagi/PR, onde também se desenvolveu a atividade desde o século XVIII. Assim, buscou-se através de relatos dos próprios garimpeiros identificar o histórico da extração na região, analisando seus costumes, técnicas e culturas empregadas ao longo dos últimos séculos. Como decorrência discutem-se desafios existentes frente à construção da Usina Hidrelétrica de Mauá, a qual interrompeu a atividade em diversas áreas de potencial extração em 2011.

## **Introdução**

Entre os anos de 1725 e 1845, o Brasil foi considerado o maior produtor do mundo de diamantes. As regiões ao longo do rio Tibagi tiveram forte influência nesse período devido à grande concentração de diamantes, contribuindo para a economia da época e foram palco de intensas disputas pelo poder. A região onde atualmente localiza-se a cidade de Telêmaco Borba, fundada em 1964, tem características que se mantiveram com o decorrer do tempo, já que o município foi desmembrado de Tibagi. Banhado pelo rio Tibagi, é o principal município produtor de diamantes no estado, com a maior concentração de depósitos e garimpos. Mesmo com a proibição da extração de diamantes no século XXI, os garimpeiros ainda extraem clandestinamente, utilizando-se das variadas técnicas conhecidas da atividade, as quais foram bastante dificultadas após a construção da represa da Usina Hidrelétrica de Mauá em 2011.

Devido à maior atenção de pesquisadores com as áreas de ocorrência de diamantes na cidade de Tibagi, o garimpo no município de Telêmaco Borba foi pouco abordado. Assim, a necessidade de estudos e registros para a preservação do patrimônio imaterial e para uma melhor compreensão do papel desta atividade para a comunidade motivou o início desta pesquisa, considerando a importância apontada por Liccardo & Chieregati (2013), de que garimpeiros vindos da Bahia e Minas Gerais fixaram-se na região e influenciaram a economia e cultura dessas áreas.

## **Materiais e métodos**

A pesquisa foi desenvolvida através de leituras de referencial teórico a respeito da ocorrência de diamantes nas regiões ao longo do rio Tibagi, visando

compreender a ocorrência da atividade da extração ao longo dos dois últimos séculos.

Entretanto, havia a necessidade de ouvir o relato dos indivíduos ligados diretamente à extração, tendo em vista que esta pesquisa busca resgatar a importância desta atividade enquanto um trabalho que permite identificar costumes, técnicas, modos de vida, ou seja, a cultura dos garimpeiros de Telêmaco Borba. Para isso, a entrevista semi-estruturada foi utilizada, uma vez que este é um tipo de entrevista que permite ouvir relatos além das perguntas colocadas no roteiro previamente elaborado, permitindo coletar dados que não seriam explorados em perguntas estruturadas. Este tipo de entrevista é também mais adequado à realidade dos garimpeiros, indivíduos que, geralmente, são mais humildes e com pouco contato com a comunidade científica. Assim, permitiu-lhes relatarem os fatos da maneira que também relatariam a outros indivíduos longe da comunidade científica, por meio de perguntas básicas apoiadas em hipóteses e teorias.

## Resultados e Discussão

O garimpo de diamantes na região de Telêmaco Borba apresenta-se como uma atividade que motivou conflitos no século XX, através da disputa por áreas de ocorrência do diamante. Algumas famílias já desenvolviam a atividade em outros estados do Brasil e mudaram-se para a região para sobreviver somente da extração. Com o monopólio de famílias que detinham riqueza e movimentavam o mercado de diamantes na região durante o século XIX, muitos dos que vinham de fora subordinaram-se ao trabalho destas famílias que detinham o poder, recebendo muitas vezes valores pouco representativos pela atividade executada, assim como outros que eram convidados ao trabalho sem prévio conhecimento da exploração, como relatado por um garimpeiro de 83 anos - hoje impossibilitado por saúde debilitada:

“A primeira vez no garimpo, eu saí tinha uns vinte anos mais ou menos, daí eu levantei e falei pra muié: eu vou matar umas pomba. Peguei, passei ali no rio e escutei uma máquina lá tocando, porque a máquina quando funcionava, chia, né? Aí eu cheguei lá, o cara falou pra mim: você quer merguiá? Eu nunca tinha visto como é que era o troço. Ah, eu quero! Nunca tive medo de coisa de buia de ceso. Cheguei lá, chegou minha vez de merguiá, merguei e tirei doze saco de cascaio a primeira vez que eu entrei numa máquina. Aí tinha um outro companheiro, era depois de eu, depois do outro. Daí ele falou pro outro companheiro dele: eu não vou merguiá, eu não tô bom. Então você quer que eu tire tua entrada? Vo dá mais um merguio, fui lá tirei mais nove saco de cascaio, saiu um diamante com doze grão, foi vendido por doze conto. Eu numa entrada ganhei três conto”. (Entrevistado, 2015).

É perceptível que a empolgação com os resultados iniciais alcançados leva a exploração para toda a vida daqueles que a iniciaram. Entretanto, como afirma outro entrevistado, os bons resultados dificilmente aparecem: *‘isso aí é uma raridade’*. A atividade é praticada em grupo, dividindo-se em turnos, entre quem mergulha e não mergulha. *‘Chegava ficar até cinco horas debaixo d’água’*, conforme relato. Outros realizam a atividade fora do leito do rio, no seco, principalmente após a construção da usina na região, que alagou 84 quilômetros quadrados, o que impossibilitou a exploração do cascalho nas proximidades da

hidrelétrica, onde o rio ganhou maior profundidade. Assim, as atividades no leito de rios hoje estão localizadas em áreas acima da Usina, que recebem os afluentes do Rio Tibagi. São nestas áreas, inclusive, que há bastante ocorrência de diamantes, reconhecidas pelas ‘formas’ – minerais acompanhantes do diamante: *‘a campina, chumbada, granada, topázio’*, *‘de repente noutra lugar você vai achar o cascalho, o cascalho é bonito, tem umas pedrinha preta que é a companheira do diamante’*, afirma mais um entrevistado. Este é garimpeiro desde que seus pais o levaram às atividades, seguindo uma trajetória familiar que vem da época de seus bisavós, que já extraíam ouro e diamante. Assim, continua realizando a extração em diversas áreas da região, com lucro real, durante boa parte do ano. Como ele mesmo relata, outra técnica para identificar áreas de ocorrência:

“Que na verdade, quando tem um afluente que vai no rio Tibagi, na verdade de frente desse afluente é o lugar que dá diamante e dá ouro. Ela veio de longe talvez e caiu. Se deu muita pressão naquela época, é pra ter ido lá, arrodado e vindo e parado do outro lado do rio, num poço assim que a água... se chega no rio, o rio desce aqui, dá no paredão lá, e a água contorna aqui, talvez o bom tá aqui, onde a água contorna aqui [...] mas quando ela foi saindo, que tá descendo, ela acumulou ali. É ali que tá o diamante.” (Entrevistado, 2015).

Diante disso, nota-se o conhecimento empírico de garimpeiros antigos, que possuíam técnicas muito próprias e a olho nu para identificar o diamante, sem a utilização de maquinário, relatado em:

“Por isso que os antigos sabiam certinho. Eles chegavam, no rio, olhavam o rio ali, mas naquele tempo não tinha maquinário. Chegavam lá com um saquinho dentro do barco, botinho de madeira, olhavam o rio ali pra cá, pra lá, iam lá, tiravam o cascalho, enchiam o barco de cascalho, assim, tiravam com a água por aqui, no peito, na boca e tiravam diamante [...] Era tirado o cascalho, você dava uma alavanca comprida e juntavam com o pé no fundo da água, mas com a água às vezes pela boca, pelo peito. E quando tinha pedra meia grande, quem tava no botinho em cima pnhava uma vara assim e desciam por ela, ia lá, pegava aquela pedra, jogava daí mergulhava”. (Entrevistado, 2015).

O uso de balsas, escafandros, bateias, peneiras, a extração tornou-se aplicável nos variados ambientes, não sendo possível determinar qual método de extração é mais lucrativo. É fato que os recursos manuais demandam muito mais esforço físico e tempo de trabalho. Entretanto, se a ocorrência está naquilo que é chamado de seco (área em uma porção de terra seca, distante das águas), as técnicas manuais serão empregadas.

O histórico da extração em Telêmaco Borba atenta para o enriquecimento de famílias dominantes, bem como para um significado de vida também para aqueles que não enriqueceram com a atividade. A extração sem o maquinário, muitas vezes, era realizada por aqueles que trabalhavam para estas famílias e apenas repassavam as pedras. Ou seja, alguns donos de negócios não chegavam a ter contato com o próprio local de trabalho que garantia sua renda. Também há relatos de conflitos e mortes de garimpeiros por parte desses donos de negócios que, quando sabiam que uma área controlada por outro indivíduo

estava rendendo boas quantidades de diamante, buscavam exterminar garimpeiros para que a atividade fosse prejudicada.

Além disso, a desvalorização e marginalização do garimpeiro enquanto trabalhador e merecedor de parte deste trabalho sempre foi evidente, não recebendo parcelas que seriam adequadas e de valorização pela atividade e conquista. Isto porque a conquista para o garimpeiro é *'achar uma pedra grande'*, conforme relato. A cada achado era preciso *'jogar na boca para batizar ele'*, *'se você não batiza, você derruba e não acha mais'*, prossegue o relato.

## **Conclusões**

A instalação da Usina Hidrelétrica de Mauá modificou as atividades de garimpo na região de Telêmaco Borba, mas não anulou a atividade. Outros locais já catalogados por Oppenheim (1936) passaram a ser mais explorados, tais como Vira Panela, Cachoeirinha, Pedra Grossa, Estreito, Salto Aparado. E também locais não catalogados por este autor, como Travessão, rio Negro, rio do Peixe e Ilha do Bom Retiro.

Encontrar atividades atuais de mineração era um desafio frente à perspectiva produtiva do diamante no século XXI. Entretanto, é possível afirmar que a extração de diamantes ainda é praticada, mesmo com as leis que impedem a extração das áreas, mas fortalecendo uma atividade que atravessou séculos na região, garantindo ainda o sustento de alguns e a atividade secundária de outros.

Portanto, cabem ainda relatórios mais aprofundados para a constituição de um patrimônio imaterial, onde a comunidade pudesse acessar e compreender que, mesmo que a atividade da extração de diamantes não represente o desenvolvimento da cidade, ela é parte da cultura do município, pois muitos nasceram, sobreviveram e ainda desenvolvem esta atividade na cidade.

## **Agradecimentos**

Ao professor de Geologia, Antonio Liccardo, meu orientador da pesquisa.

Aos garimpeiros Wilson e João Mata-Onça que me receberam com dedicação e entusiasmo em suas casas e foram fundamentais para a execução desta pesquisa.

## **Referências**

LICCARDO, A.; CHIEREGATI, L. A. A extração de diamantes na história geológica e mineral do Paraná. **Boletim paranaense de Geociências**, v. 70, p. 166-179, 2013.

OPPENHEIM, V. **Sedimentos diamantíferos do Paraná**. DNPM/SFPM, Rio de Janeiro, avulso n. 9, 14 pp., 1936.